

# Volta ao Chile emociona ministros

SANTIAGO — Nove horas antes de Fernando Henrique Cardoso pisar em solo chileno, pela primeira vez como presidente do Brasil, lágrimas rolaram de olhos que, com ele, compartilharam anos de exílio. Quando o avião da FAB, com os convidados do presidente a bordo, pousou no aeroporto de Santiago, o deputado Almino Afonso — que desde 1973 não voltara mais ao país — e o senador Artur da Távola — que deixou o Chile na mesma época de Fernando Henrique, em 68, depois de quatro anos — foram os menos contidos. Choraram pela emoção da volta depois da reconquista da democracia no Brasil e da ascensão de seu partido, o PSDB, ao poder.

Cada um definiu à sua moda a sensação. "Vale a pena lutar, nem que se tenha de esperar 30 anos", disse Távola, que em 64 pegou-se em discussão com Pablo Neruda, por conta das críticas do poeta chileno à falta de resistência da esquerda brasileira ao golpe militar. "Ele dizia que isso nunca aconteceria no Chile, sem imaginar que a ditadura sangrenta atingiria o país anos depois", relembrou Távola.

Menos melancólico mas igualmente emocionado, Almino Afon-

so, que em 64 fazia parte do governo deposto pelos militares, comemorava: "É muito melhor estar no poder do que no exílio". Junto com eles estavam os ministros da Cultura, Francisco Weffort, e da Educação, Paulo Renato Souza — que também faziam parte da turma chilena —, o empresário Fernando Gasparian e o deputado Franco Montoro. Todos têm, de alguma forma, ligações com o país que Fernando Henrique visita durante três dias.

**Adesão** — O estranho no grupo era, de fato, o deputado do PFL baiano, Benito Gama, nem um pouco constrangido com aquela comemoração de excluídos políticos das décadas de 60 e 70, quando seus aliados localizavam-se exatamente do outro lado. Benito, ao contrário, aderiu: "Dentro daquele avião, a minha sensação era a de que a emoção era maior do que a Cordilheira dos Andes".

Se no Brasil o PFL ocupa postos estratégicos no governo e comanda o Congresso, a partir de hoje Benito Gama assistirá a cenas explícitas de poder por parte dos aliados tucaos. Fernando Henrique estará num país onde é amigo do presidente da República, dos dois candi-

dados à sucessão de Eduardo Frei, do presidente do Congresso, da maioria dos ministros de Estado, do vice-presidente.

A programação de hoje começa com um encontro com o presidente Frei, filho do presidente que governava o país à época do exílio. À tarde, será alvo de uma homenagem que, segundo as autoridades chilenas, presta-se a raros chefes de Estado: Fernando Henrique será recebido pelo Congresso Nacional. Ele falará ao Congresso, onde estará também todo o gabinete de Frei, que adiou para amanhã uma reunião de seu Ministério, em função da visita.

Estão previstos também encontros bilaterais, nos quais os assuntos principais deverão ser a associação do Chile ao Mercosul, a saída pelo Pacífico para exportação de produtos, a abertura de nossa economia a investimentos estrangeiros e a questão do exemplo do Chile como modelo econômico.

Não se descarta a possibilidade de o deputado socialista Jaime Narango organizar protestos para pedir a expatriação de cinco chilenos presos no Brasil pelo seqüestro do empresário Abílio Diniz, em 1989. A esquerda chilena quer que os presos tenham tratamento político.